



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Potencialidades da mídia não hegemônica nas dinâmicas urbanas

V 11 | n 20 | jan-jun 2022

A questão do crédito no trabalho de arranjos alternativos às corporações de mídia

Dairan Paul



Edição eletrônica

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://nauu.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

PAUL, Dairan. A questão do crédito no trabalho de arranjos alternativos às corporações de mídia. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 199-214, jan-jun 2022. Semestral.

© NAUI

A questão do crédito no trabalho de arranjos alternativos às corporações de mídia

Dairan Paul ¹

Resumo

Arranjos jornalísticos alternativos aos conglomerados midiáticos nem sempre recebem o crédito pelo trabalho que produzem. A partir de seis casos, discuto como essa problemática estrutura o campo jornalístico e afeta sobretudo as iniciativas que se autodenominam “independentes” ou “alternativas”. Os exemplos demonstram que veículos da chamada “grande imprensa” acabam, por vezes, apropriando-se de apurações feitas pelos arranjos e evitam creditá-los, seja por orientação editorial, pela ausência de reconhecimento simbólico ou pelo reforço a uma lógica de mercado que se sobrepõe aos preceitos da ética jornalística. Arranjos, por sua vez, apostam em valores como transparência e colaboração, formando redes de trabalho em conjunto para ampliar a circulação de seus conteúdos.

Palavras-chave: arranjos jornalísticos; créditos; ética jornalística.

Abstract

Alternative journalistic arrangements to media conglomerates do not always get credit for the work they produce. Based on six cases, I discuss how this problem structures the journalistic field and mainly affects initiatives that call themselves “independent” or “alternative”. The examples demonstrate that vehicles of the so-called “big press” sometimes end up appropriating the news gathering made by the arrangements and avoid crediting them, either through editorial guidance, the lack of symbolic recognition or the reinforcement of an overlapping market logic to the precepts of journalistic ethics.

¹ Doutorando em Jornalismo no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Bolsista Capes. Pesquisador do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS – objethos.wordpress.com). E-mail: dairanpaul@gmail.com.

Arrangements, in turn, bet on values such as transparency and collaboration, forming networks to work together and expand the circulation of their content.

Keywords: journalistic arrangements; credits; journalism ethics.

À margem das corporações jornalísticas

Neste artigo, exploro seis casos nos quais arranjos alternativos às corporações de mídia não receberam os devidos créditos pelo trabalho que realizaram, a fim de refletir sobre a ética no jornalismo. Argumento, ao fim, que a ausência de reconhecimento simbólico desses veículos dificilmente se justifica por questões meramente técnicas; ela opera, antes, por estratégias de invisibilidade que objetivam legitimar o jornalismo hegemônico ou *mainstream*.

Os *insights* deste texto resultam de uma pesquisa mais ampla e em andamento, desenvolvida no âmbito do doutorado², no qual investigo iniciativas jornalísticas distintas das grandes redações – estas, pertencentes a conglomerados midiáticos, em grande parte dos casos. Na etapa exploratória do estudo, realizei um mapeamento de veículos que ora se autodeclaram “alternativos”, “independentes”, “comunitários”, “periféricos”, “contra-hegemônicos” ou simplesmente como “jornalismo”, sem rótulos. Optarei, adiante, pelo conceito de “arranjos econômicos alternativos” (FIGARO, 2018) como chave de leitura para denominar tais experiências.

Ainda que de modo bastante inicial, pude perceber, na fase exploratória da pesquisa, um comportamento algo recorrente entre os jornalistas dessas mídias: a reivindicação pelo crédito autoral. Os relatos tinham em comum a apropriação por parte da mídia “tradicional” da apuração jornalística feita pelos veículos.

Das seis iniciativas que compõem o conjunto de casos, metade se autodeclara como “jornalismo independente” (*The Intercept Brasil, Ponte Jornalismo, Agência Pública*) nas suas descrições³, enquanto que os três restantes preferem o termo “jornalismo

² O título provisório da tese é “O avesso do romântico: arranjos jornalísticos como resposta à crise normativa do jornalismo”, sob orientação do prof. dr. Rogério Christofoletti, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR/UFSC).

³ Textos de apresentação presentes em abas dos sites (como o “quem somos”) e campanhas de financiamento, acrescidos das informações contidas nas redes sociais dos arranjos.

investigativo” (*Blog do Berta, Observatório da Mineração e Agência Sportlight*). No entanto, como característica em comum, todos atuam ao largo da chamada “grande imprensa” ou “imprensa tradicional”, *mainstream*. Isto é, não pertencem a grandes grupos de comunicação e conglomerados midiáticos, mesmo que não se autodeclarem “independentes” ou “alternativas” a eles.

Nesse sentido, o conceito de “arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia” se mostra frutífero para uma compreensão inicial de quem são estes veículos, posto que o termo “alternativo”, aqui, refere-se apenas à forma de organização da iniciativa (distinta de conglomerados midiáticos), e não à sua autodenominação como “jornalismo alternativo”, por exemplo. Nesse sentido, os arranjos abarcam as mais diversas autodenominações (independente, comunitário, periférico, contra-hegemônico). São “micro e pequenas empresas, organizações não governamentais, organizações da sociedade civil, coletivos”, cuja finalidade busca “representar efetiva alternativa de trabalho (empregabilidade) e de produção de um serviço de qualidade por seus vínculos e compromissos com a democratização dos meios de comunicação e com a sociedade” (FIGARO, 2018, p. 19-20).

Ao mapear arranjos da Grande São Paulo, Figaro (2018) identificou uma série de características comuns às iniciativas⁴. São organizações cujo trabalho nasce nos meios digitais, feito por jornalistas jovens (entre 20 e 35 anos), com parcela menor de profissionais que já passaram por veículos da chamada “grande imprensa”. Rejeitam ideologias manifestadas nas linhas editoriais dominantes da mídia tradicional e estão próximos de valores progressistas (mesmo que a adesão não seja necessariamente homogênea). A maioria das iniciativas é composta por trabalho voluntário, com baixa ou nenhuma remuneração aos jornalistas. As condições laborais instáveis tendem a ser compensadas por certo senso de solidariedade entre os arranjos, que formam redes de colaboração para produzir reportagens em conjunto, por exemplo.

Apesar de recente, o estudo de Figaro (2018) não se debruça sobre um objeto novo para o campo do jornalismo e da comunicação. Pelo contrário: ele se inscreve numa larga

⁴ O estudo original de Figaro (2018) foi replicado por equipes de pesquisadores de outros estados, como Goiás e Tocantins (ZACARIOTTI; LEMES; PAZ; COSTA, 2020), Ceará (COSTA; SILVA; ARAÚJO, LIMA, 2020), Amapá (LIMA; PIRES, 2020), Minas Gerais (BARROS; FILHO, 2020) e Santa Catarina (KIKUTI; MICK; PAUL; LUZ; SOUSA; RAMOS, 2021). Guardadas as particularidades de cada região, todos identificam a fragilidade econômica dos arranjos e a tendência ao trabalho voluntário.

tradição de pesquisas sobre comunicação popular e alternativa, do jornalismo independente e contra-hegemônico (ASSIS; CAMASÃO; SILVA; CHRISTOFOLETTI, 2017; CARVALHO; BRONOSKY, 2017; PACHI FILHO; SOUZA; MOLIANI, 2018; PEIXOTO, 2019). Essa corrente teórica já chamava a atenção para a existência de iniciativas jornalísticas distintas às organizações tradicionais da indústria jornalística pelo menos desde a ditadura militar (KUCINSKI, 2011), passando pelo crescimento dos veículos comunitários nas décadas de 1970 e 1980 (PERUZZO, 2009), os blogs surgidos nos anos 1990 e 2000 (LIMA, 2015) e, mais recentemente, a eclosão de coletivos midiativistas (BRAIGHI; LESSA; CÂMARA, 2018) especialmente após as Jornadas de Junho, em 2013. Como o conceito de arranjo diz respeito à forma de organização, são várias as iniciativas que podem ser incluídas a partir dessa premissa, *startups* e veículos autodenominados empreendedores (MAURÍCIO; ALMEIDA, 2019; DEUZE; WITSCHGE, 2020), cujas finalidades podem eventualmente divergir da imprensa alternativa e contra-hegemônica, mas também se alinhar a “instâncias progressistas” (CARVALHO, 2018).

É a partir desse quadro geral que situamos o contexto de produção jornalística dos seis arranjos a seguir. Ainda que preservem particularidades quanto a variáveis como fontes de receita (via editais, financiamento de *big techs*, publicidade ou mesmo trabalho puramente voluntário), composição individual ou coletiva (formado apenas por um único jornalista ou por uma equipe) e alcance de público, as iniciativas comungam de uma característica básica: são formas de organização distinta das redações tradicionais, pois não pertencem a conglomerados midiáticos, e pretendem ser um contraponto crítico à “grande imprensa”. Talvez por isso não compartilhem da mesma legitimidade atribuída historicamente às instituições jornalísticas de trajetória mais consolidada, o que contribuiria para o descrédito do seu trabalho por parte dos colegas da mídia tradicional.

Antes de passar aos casos, sintetizo a seguir quem são as seis iniciativas jornalísticas mencionadas. A sucursal brasileira do *The Intercept* chegou ao País em 2016, com foco na produção de reportagens investigativas sobre política, e ganhou notoriedade a partir da série Vaza Jato⁵, que trouxe à tona as relações promíscuas do Ministério Público Federal com o ex-juiz Sergio Moro. Mais antiga, a *Agência Pública* atua desde

⁵ Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos/>. Acesso em: 30 set. 2021.

2011 e já conquistou 52 prêmios⁶ por suas reportagens especializadas na cobertura de direitos humanos. *Ponte Jornalismo* surgiu em 2014, preocupada em dar visibilidade ao tema da segurança pública. É republicada em sites como *UOL*, *El País* e *Yahoo News*, além de ser mencionada por veículos estrangeiros de diversos países⁷.

Os outros três arranjos são todos formados apenas por um jornalista. *Agência Sportlight* produz investigações sobre esportes e é comandada desde 2016 por Lúcio de Castro, profissional com passagem por veículos como *TV Globo* e *ESPN Brasil*⁸. Mesmo caso do experiente repórter Ruben Berta, que trabalhou por 17 anos no jornal *O Globo* e fundou seu blog em 2017⁹. Por fim, Maurício Angelo, jornalista com mais de 15 anos de carreira, está à frente do *Observatório da Mineração*. O site cobre o setor extrativo desde 2015 e já foi reconhecido internacionalmente por sua relevância na área¹⁰.

Como dito anteriormente, em que pese não terem as mesmas condições econômicas dos jornais tradicionais, os seis arranjos deste artigo são formados por profissionais experientes. São, sobretudo, iniciativas premiadas, o que sinaliza para certo nível de reconhecimento simbólico no campo jornalístico, ao menos entre os pares. A despeito disso, persiste alguma apropriação indevida de suas apurações por outros jornais, como discutiremos a seguir.

Seis exemplos e nenhum crédito

Apresento neste subcapítulo situações que ilustram diferentes formas de descrédito dos arranjos jornalísticos por outros veículos. Os casos ganham notoriedade especialmente porque os próprios jornalistas responsáveis pelas matérias “cooptadas” sentem necessidade de vir a público, por meio de redes sociais (notadamente, o Twitter), e cobrar crédito pelo trabalho realizado.

No primeiro exemplo, George Marques, à época jornalista do *Intercept Brasil*, questionou por qual razão o jornal *O Globo* deixou de mencionar uma entrevista exclusiva cedida por Magno Malta à repórter Amanda Audi. “A mídia brasileira que se diz

⁶ Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos/>. Acesso em: 30 set. 2021.

⁷ Disponível em: <https://ponte.org/sobre/impactos/>. Acesso em: 30 set. 2021.

⁸ Disponível em: <https://agenciasportlight.com.br/index.php/sobre-o-autor/>. Acesso em: 30 set. 2021.

⁹ Disponível em: <https://blogdoberta.com/sobre/>. Acesso em: 30 set. 2021.

¹⁰ Disponível em: <https://observatoriodamineracao.com.br/sobre/>. Acesso em: 30 set. 2021.

hegemonia é uma vergonha”, escreveu. “Qual o problema de citar o veículo?”¹¹. O furo obtido pelo *Intercept* em dezembro de 2018¹² revelou as mágoas do ex-senador com o presidente Jair Bolsonaro, outrora seu braço direito no governo. Noticiado horas depois¹³, *O Globo* trouxe as mesmas informações, mas sinalizando que Malta as revelou diretamente para o veículo. No Twitter, o editor-executivo do *Intercept*, Leandro Demori, comentou que o comportamento é recorrente: “*O Globo* faz isso direto. Em dois dias se apropriam da narrativa de outro veículo e começam a dar notícias ‘segundo *O Globo*’. É patético e vou seguir reclamando”.

De fato, o editor persistiu nas cobranças públicas. Em agosto de 2021, a edição 2690 da revista semanal *IstoÉ* publicou reportagem sobre a descoberta de uma antropóloga envolvendo cartas de Jair Bolsonaro endereças a grupos neonazistas¹⁴. Uma semana antes, ainda no final de julho, o próprio Demori assinou matéria que contava a mesma história. Nenhuma menção foi feita pela revista. No Twitter, o jornalista chegou a afirmar que *IstoÉ* “praticamente plagia o Intercept”¹⁵.

Já no caso de *Agência Pública*, o descrédito se deu em função de uma reportagem veiculada pelo programa Fantástico, da *Rede Globo*. A matéria trazia os desdobramentos do réveillon que Fabrício Queiroz, ex-assessor de Flavio Bolsonaro, passou em Atibaia, na casa do advogado da família Frederick Wasseff¹⁶. Essa informação inicial, no entanto, foi apurada pela *Agência* em reportagem exclusiva¹⁷. Fantástico apenas creditou as imagens de Queiroz cedidas por *Pública*, sem deixar claro para o telespectador que o furo original envolvia um trabalho de apuração mais complexo do que apenas as fotos. Natalia Viana, cofundadora da *Agência*, se mostrou cansada do comportamento, sugerindo ser

¹¹ Disponível em: <https://twitter.com/GeorgMarques/status/1070408521576079363>. Acesso em: 1 out. 2021.

¹² Disponível em: <https://theintercept.com/2018/12/04/entrevista-magno-malta-dispensado-ministro/>. Acesso em: 1 out. 2021.

¹³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/minha-vida-nao-depende-de-bolsonaro-diz-magno-malta-sobre-cargo-no-governo-23282441>. Acesso em: 1 out. 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://istoe.com.br/mensagens-nazistas-de-bolsonaro/>. Acesso em: 1 out. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://twitter.com/demori/status/1423685982004592642>. Acesso em: 1 out. 2021.

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/06/21/festas-churrascos-e-consultas-medicas-a-rotina-de-queiroz-em-atibaia.ghtml>. Acesso em: 1 out. 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/exclusivo-foto-indica-que-queiroz-passou-o-reveillon-em-atibaia/>. Acesso em: 1 out. 2021.

algo recorrente: “como sempre o Grupo Globo usa apuração alheia e não dá o devido crédito. E a gente sempre tem a esperança que eles vão melhorar”¹⁸.

Outro exemplo trazido pela editora é a reportagem “A desastrosa Operação do Exército que levou à morte de Evaldo Rosa”¹⁹, publicada em 29 de abril, à 1h, sobre os meandros ilegais que cercaram a ação militar. No mesmo dia, às 20h37, *GI* publicou “Exército ocupava favela do Muquição, na Zona Oeste do Rio, quando fuzilou o músico e catador de lixo, atestam documentos”²⁰, matéria que partiu da apuração feita pela *Agência*. O texto, contudo, omite essa informação e utiliza o eufemismo “atestam documentos” para não mencionar o nome do site de jornalismo independente. Viana novamente foi às redes para explicar que a expressão, na verdade, é sinônimo de seis meses de investigação da *Pública*²¹.

Ponte Jornalismo exemplifica como jornais podem reaproveitar pautas já trabalhadas pelos arranjos, mas deixando de citar o que havia sido apurado por eles. A repórter Jennifer Mendonça questionou matéria publicada por *Folha de S. Paulo*²² sobre a mobilização de estudantes da USP para alterar o nome da avenida Dr. Arnaldo, que homenageava um professor com participação em movimento racista. A notícia descreve um acontecimento factual de agosto de 2021, quando alunos trocaram as placas da avenida para o nome de uma biomédica. Em seguida, desdobra o fato, ligando-o a outro caso de nome de rua que havia sido modificado, em abril do mesmo ano. Foi neste mês que *Ponte Jornalismo* produziu duas reportagens sobre o tema: “Como a principal faculdade de direito do País violou o corpo de uma mulher negra por 30 anos”²³ e “Após reportagem da Ponte, alunos da USP se mobilizam contra homenagens a professor

¹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/VianaNatalia/status/1274875518438060032>. Acesso em: 1 out. 2021.

¹⁹ Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/exclusivo-a-desastrosa-operacao-do-exercito-que-levou-a-morte-de-evaldo-rosa/>. Acesso em: 1 out. 2021.

²⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/29/exercito-ocupava-favela-do-muquico-na-zona-oeste-do-rio-quando-fuzilou-musico-e-catador-de-lixo-atestam-documentos.ghtml>. Acesso em: 1 out. 2021.

²¹ Disponível em: <https://twitter.com/VianaNatalia/status/1274877150647246848>. Acesso em: 1 out. 2021.

²² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/08/alunos-da-usp-trocaram-placas-de-rua-que-homenageiam-pessoas-com-historico-racista.shtml>. Acesso em: 2 out. 2021.

²³ Disponível em: <https://ponte.org/principal-faculdade-direito-pais-usp-sao-francisco-violou-corpo-mulher-negra-30-anos-jacinta/>. Acesso em: 2 out. 2021.

racista”²⁴. “A *Folha* poderia ter citado que a mudança do nome da sala da SanFran, que homenageia Amâncio de Carvalho, veio depois que a *Ponte Jornalismo* deu visibilidade à pesquisa de Suzane Jardim e explicou em quadrinhos quem era Jacinta”, escreveu a jornalista da *Ponte* em sua conta pessoal no Twitter²⁵.

Noutra ocasião, políticos compartilharam uma filmagem do fotojornalista Daniel Arroyo sem creditá-lo²⁶. Mesmo que o exemplo ultrapasse a discussão deste artigo, limitado aos veículos de jornalismo, destaco o argumento do editor-chefe da *Ponte*, Amauri Gonzo, em defesa da importância de atribuir crédito: “para conseguirmos fazer o nosso trabalho de maneira independente, questionando a polícia e o Estado, precisamos de apoiadores, que antes de tudo, são leitores. Sem crédito, ninguém fica conhecendo a *Ponte* e perdemos mais uma chance de ampliar nossa cobertura”²⁷. Em outras palavras, o reconhecimento não é meramente simbólico, mas de implicações materiais – especialmente para os arranjos, cuja visibilidade e poder de alcance diferem de instituições jornalísticas mais robustas e estabilizadas, do ponto de vista financeiro.

Esse prejuízo pode ser potencialmente maior para arranjos formados apenas por um único jornalista, como a *Agência Sportlight* e o *Blog do Berta*. No primeiro caso, o site de jornalismo investigativo publicou reportagem sobre uma disputa judicial nos Estados Unidos do produtor de cinema Rodrigo Teixeira contra Luiz Mussnich, investidor do mercado financeiro²⁸. Publicada quatro e dez dias depois em *O Globo*²⁹ e *Folha de S. Paulo*³⁰, respectivamente, as matérias chamaram a atenção de Lúcio de Castro. O jornalista responsável pela *Agência* não recebeu créditos por sua reportagem e levantou suspeita sobre a origem da pauta trabalhada pelos jornais, já que o tema era bastante específico. “É uma questão do ofício. Não é admissível. Acredito mesmo até que pode

²⁴ Disponível em: <https://ponte.org/apos-reportagem-da-ponte-alunos-da-usp-se-mobilizam-contras-homenagens-a-professor-racista/>. Acesso em: 2 out. 2021.

²⁵ Disponível em: <https://twitter.com/mendoncjeniffer/status/1426257854848249862>. Acesso em: 2 out. 2021.

²⁶ Disponível em: <https://twitter.com/amaurigonzo/status/1435301791231614976>. Acesso em: 2 out. 2021.

²⁷ Disponível em: <https://twitter.com/amaurigonzo/status/1435337435626475528>. Acesso em: 2 out. 2021.

²⁸ Disponível em: <https://agenciasportlight.com.br/index.php/2020/11/09/tribunal-americano-e-palco-de-disputa-que-envolve-peso-pesado-do-cinema-brasileiro-e-conhecido-investidor/>. Acesso em: 2 out. 2021.

²⁹ Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/capital/post/investidores-questionam-produtor-rodri-go-teixeira-na-justica.html>. Acesso em: 2 out. 2021.

³⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/11/produtor-rodri-go-teixeira-e-investidores-travam-batalhas-na-justica-dos-eua-e-brasil.shtml>. Acesso em: 2 out. 2021.

acontecer de se fazer uma reportagem sobre algo sem ter lido alguma outra publicada antes. E dar azar”, escreveu no seu perfil do Twitter³¹. “Mas quando é na mesma semana, um tema tão específico, uma ação nos EUA, só saiu em um lugar, fica difícil. E não falo só de autores. Num jornal grande nenhum editor ter visto...”.

Em abril de 2020, as sucessivas denúncias do jornalista Ruben Berta desencadearam a prisão de Gabriell Neves, ex-subsecretário de Saúde do Rio de Janeiro, por suspeita de fraude. No dia 3, Berta publicou reportagem sobre gastos da pasta com dispensa de licitação e pesquisa de preço³². O caso repercutiu no telejornal RJ TV, mas sem nenhum crédito ao jornalista, que lamentou o ocorrido (“o blog parece que simplesmente não existe”, escreveu³³). No dia 6, outro furo envolvendo a secretaria do estado: a compra de respiradores pelo dobro do preço com uma empresa de informática³⁴. Dessa vez, *Estadão*, *UOL* e *O Globo* atribuíram a autoria da apuração exclusiva ao jornalista. Berta comemorou o gesto nas redes sociais³⁵ – de tão incomum, o crédito aos independentes parece ser exceção à regra, a ponto de ser celebrado quando ocorre.

O último exemplo ilustra como a prática de não creditar arranjos também ocorre entre a própria imprensa independente, não se restringindo, portanto, apenas aos veículos da chamada “grande imprensa”. Foi o caso das sucessivas denúncias feitas pelo *Observatório da Mineração* contra a revista *CartaCapital*, veículo de “viés progressista” e que se pretende “um contraponto necessário neste e em todos os momentos políticos, assim como o fazem nos casos estrangeiros de *El Diario* (Espanha), *The Guardian* (Reino Unido), dentre outros”³⁶. Segundo o *Observatório*, *CartaCapital* teria se “apropriado de trabalho alheio” e “vendido como exclusivo”³⁷ pelo menos quatro reportagens: “‘Sergio Moro’ do Meio Ambiente: força-tarefa pede a saída de juiz do caso Samarco”³⁸, “Disputa

³¹ Disponível em: <https://twitter.com/agsportlight/status/1327718319441534979>. Acesso em: 2 out. 2021.

³² Disponível em: <https://blogdoberta.com/2020/04/03/coronavirus-estado-do-rj-comprar-ate-sabonete-sem-pesquisar-precos/>. Acesso em: 2 out. 2021.

³³ Disponível em: https://twitter.com/ruben_berta/status/1246576851360899085. Acesso em: 2 out. 2021.

³⁴ Disponível em: <https://blogdoberta.com/2020/04/06/rj-compra-respiradores-dobro-preco-empresa-informatica/>. Acesso em: 2 out. 2021.

³⁵ Disponível em: https://twitter.com/ruben_berta/status/1381656465220468741. Acesso em: 3 out. 2021.

³⁶ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2019/04/midia-kit2019.pdf>. Acesso em: 3 out. 2021.

³⁷ Disponível em: <https://twitter.com/obsmineracao/status/1386736006972444677>. Acesso em: 3 out. 2021.

³⁸ Disponível em: <https://twitter.com/obsmineracao/status/137724675888214528>. Acesso em: 3 out. 2021.

por indenizações da Samarco tem ameaças, honorários milionários e ‘caça’ a atingidos”³⁹, “Mourão estende o tapete a acusados de crimes ambientais”⁴⁰ e “Garimpeiros ilegais circulam livremente pelos gabinetes de Brasília”⁴¹. Os textos utilizam informações apuradas pelo *Observatório* há meses, mas sem qualquer crédito – uma das reportagens até mesmo contém a expressão “levantamento exclusivo obtido por *CartaCapital*”⁴².

“A base principal da matéria da *Carta* é a nossa matéria de março (...). Toda a apuração do caso é nossa. (...) Fomos os primeiros a detalhar o caso. De novo, nenhuma menção. Os editores ignoraram nossos e-mails”⁴³, informou o perfil do *Observatório* no Twitter, em alusão a um dos textos. “Os seus editores e alguns repórteres não ligam para a ética jornalística. Tem sistematicamente se apropriado de trabalho duro dos outros sem dar o crédito (e lucrando com isso). Faremos quantos alertas forem necessários”⁴⁴, afirmaram.

Transparência, colaboração e solidariedade

Os seis exemplos que trouxe não são generalizáveis a ponto de compor um estudo sistematizado sobre a falta de crédito para a mídia independente. No entanto, sugerem possíveis chaves de leitura para a compreensão desse fenômeno algo recorrente no campo jornalístico.

De início, cabe salientar que dificilmente se pode buscar em justificativas técnicas a explicação para o descrédito dos arranjos. A ausência de *links* contraria o que pesquisas na área de jornalismo digital demonstram há pelo menos quase duas décadas (MIELNICZUK, 2003): o potencial da web para gerar conhecimento se multiplica quando mais caminhos hipertextuais são oferecidos ao leitor. Além disso, data de 1995 o surgimento do primeiro site jornalístico no País a partir de um veículo, o *Jornal do Brasil*

³⁹ Disponível em: <https://twitter.com/obsmineracao/status/1386736006972444677>. Acesso em: 3 out. 2021.

⁴⁰ Disponível em: <https://twitter.com/obsmineracao/status/1383050589341372417>. Acesso em: 3 out. 2021.

⁴¹ Disponível em: <https://twitter.com/obsmineracao/status/1404484743245320196>. Acesso em: 3 out. 2021.

⁴² Disponível em: <https://twitter.com/obsmineracao/status/1383785498846515200>. Acesso em: 3 out. 2021.

⁴³ Disponível em: <https://twitter.com/obsmineracao/status/1404486687225438217>. Acesso em: 3 out. 2021.

⁴⁴ Disponível em: <https://twitter.com/obsmineracao/status/1404489922774450180>. Acesso em: 3 out. 2021.

(SPANNENBERG; BARROS, 2016) – não é como se a imprensa brasileira fosse inexperiente quanto às boas práticas do ambiente digital, portanto.

Links são ainda um gesto de transparência porque tornam visíveis as fontes de informação utilizadas pelo jornalista. A centralidade desse valor ganha corpo à medida que práticas transparentes catalisam processos de inovação no jornalismo, como uma relação de maior abertura com as audiências (CHRISTOFOLETTI, 2021). No contexto de crise da profissão, a transparência é um valor que pode estabelecer algum nível de confiança entre veículo e leitor, podendo até mesmo reforçar a credibilidade da imprensa (CHRISTOFOLETTI, 2020). Em outras palavras, fornecer crédito e ser transparente quanto às fontes não apenas é um sinal de respeito com os pares, mas com o próprio leitor.

Na contramão da opacidade, arranjos parecem apostar justamente na transparência como valor relevante para as suas práticas jornalísticas. Soma-se a ela a colaboração e a solidariedade entre os próprios veículos, resultando em produções conjuntas, como a série de reportagens “Um vírus e duas guerras”⁴⁵, que reúne investigações dos veículos *AzMina*, *Amazônia Real*, *Agência Eco Nordeste*, *#Colabora*, *Portal Catarinas*, *Ponte Jornalismo* e *Marco Zero Conteúdo*. Arranjos formam redes para fortalecer e ampliar seu trabalho, fazendo com que circule por públicos mais amplos. Figaro (2018, p. 229) identifica que essa postura também é uma estratégia para enfrentar as adversidades econômicas às quais os arranjos estão submetidos: “relações mais horizontais são necessárias para o desempenho na atividade jornalística, para a solidariedade entre profissionais porque o trabalho é extenuante e a cooperação economiza força física, intelectual, tempo e recursos”. Normalmente com equipes mais enxutas do que aquelas da “grande imprensa”, arranjos eventualmente apostam no trabalho em conjunto para realizar apurações complexas que talvez não pudessem ser realizadas sozinhas.

Dado esse contexto, é possível apresentar pelo menos duas linhas de argumentação sobre o descrédito dos arranjos. A primeira delas justificaria esse apagamento porque seria uma estratégia de invisibilidade e silenciamento das mídias independentes. Sob a lógica do mercado, por qual motivo um grande jornal forneceria *link* à concorrência, mesmo que seja um veículo de alcance menor? Nessa perspectiva, a ética jornalística – que destaca no artigo sexto, inciso nono do Código brasileiro o “respeito ao direito autoral

⁴⁵ Disponível em: <https://azmina.com.br/projetos/um-virus-duas-guerras/>. Acesso em: 4 out. 2021.

e intelectual do jornalista em todas as suas formas” (FENAJ, 2009) – é uma questão menor. Interessa mais o acúmulo de *pageviews* e cliques em torno do próprio veículo (os *links* internos), sem remeter a fontes externas. Um exemplo dessa prática é a reportagem “Ex-subsecretário de Saúde do RJ é preso por suspeita de fraude na compra de respiradores”⁴⁶, do G1. Em gesto incomum, o texto atribui crédito ao jornalista Ruben Berta pela informação exclusiva que apurou um mês antes e que contribuiu para a prisão de Gabriell Neves. Mas evita fornecer o *link* para o blog do repórter, onde a reportagem havia sido publicada. Ao contrário das demais informações contidas na matéria, com *links* remetendo a reportagens do próprio G1 – resultado provável de uma orientação editorial para evitar conteúdos externos e priorizar matérias publicadas pelo site.

Essa prática me leva à segunda explicação para o descrédito dos arranjos, em complemento à primeira chave de leitura. A falta de *links* para veículos independentes pode obedecer a normas editoriais e ser um problema estrutural da profissão, afetando não apenas os arranjos. Sugiro, assim, que haveria uma indisposição mais generalizada à *linkagem* de conteúdo externo aos jornais, a despeito de remeter para um site da imprensa independente ou a outro veículo. O exemplo de *CartaCapital* demonstrou que mesmo as iniciativas que se pretendem um contraponto à “grande imprensa” também podem cooptar apurações alheias – isto é, o problema ultrapassaria a disputa entre “mídia tradicional” e “mídia independente”. No Twitter, o jornalista Sérgio Spagnuolo, fundador do site *Núcleo Jornalismo*, já havia identificado a falta de *links* em matérias que mencionavam estudos científicos, mas não forneciam a íntegra das pesquisas. “Essa pandemia pode ser um bom momento para o jornalismo mais ‘tradicional’ melhorar suas práticas: é inacreditável que nenhum dos três maiores jornais (*Folha*, *Globo*, *Estadão*) tenha colocado link em reportagens sobre o estudo do Imperial College de Londres”, escreveu⁴⁷.

Tendo em vista as duas interpretações apresentadas, é possível avançar na argumentação de que a falta de créditos é um problema estrutural do jornalismo, mas que afeta mais gravemente as iniciativas independentes. A problemática não se reduz a um binarismo da “grande imprensa” contra arranjos, embora tampouco a tensão deixe de existir. Pelo contrário: se o desrespeito à propriedade autoral das apurações alheias é

⁴⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/07/mprj-realiza-operacao-nesta-quinta-feira.ghml>. Acesso em: 4 out. 2021.

⁴⁷ Disponível em: <https://twitter.com/sergiospagnuolo/status/1243657572646879232>. Acesso em: 4 out. 2021.

relativamente comum na profissão, isso se daria de forma mais acirrada com as iniciativas de público mais restrito, menos robustas do ponto de vista financeiro e com menor poder de visibilidade. Ironicamente, contudo, todos os seis veículos elencados neste texto já receberam premiações da área, o que aponta para algum reconhecimento e prestígio entre os pares profissionais.

A despeito disso, uma parcela de jornalistas destes arranjos tem a percepção de que a imprensa “hegemônica” é arrogante e os trata como se fossem iniciativas jornalísticas menos legítimas. Spagnuolo, por exemplo, comentou que a baixa repercussão de informações exclusivas apuradas pelos independentes parece, por parte das empresas de mídia mais consolidadas, uma atitude “territorialista e diminutiva ao mesmo tempo”⁴⁸. Andrea Dip, jornalista da *Agência Pública*, questionou se a falta de crédito seria um problema de ego ou “só um total desrespeito ao jornalismo independente”⁴⁹. Ruben Berta argumentou que reivindicar crédito não seria uma postura vaidosa por parte de quem é prejudicado. Projetos individuais, como o blog mantido pelo jornalista, não tem o mesmo poder de visibilidade e o investimento financeiro por trás de grandes empresas de comunicação. Daí a sua justificativa: “cada leitor a mais é uma conquista. Acho importante quando a gente tem o reconhecimento do trabalho. E consegue ir, aos poucos, chegando a mais gente”⁵⁰.

É nesse sentido que o problema da falta de créditos no jornalismo afeta mais gravemente os arranjos que estão às margens de conglomerados midiáticos. A ausência de reconhecimento simbólico – como se eles não fossem atores relevantes no campo jornalístico e, portanto, desmerecedores de crédito por parte da imprensa hegemônica – se soma à incorporação de uma lógica de mercado, cuja orientação editorial prefere antes a invisibilidade da concorrência do que o respeito pelos colegas de profissão e, sobretudo, pelos preceitos éticos do jornalismo. Embora a adesão não seja homogênea – há exemplos pontuais de créditos da grande imprensa aos independentes – e tampouco os casos deste artigo sejam generalizáveis – pois mereceriam uma sistematização mais aprofundada –, temos indícios que revelam a percepção de empresas pertencentes ao circuito hegemônico do jornalismo sobre arranjos às margens das corporações.

⁴⁸ Disponível em: <https://twitter.com/sergiospagnuolo/status/1382695532242554880>. Acesso em: 4 out. 2021.

⁴⁹ Disponível em: <https://twitter.com/AndreaDip/status/1400590935336095746>. Acesso em: 4 out. 2021.

⁵⁰ Disponível em: https://twitter.com/ruben_berta/status/1247944361792409600. Acesso em: 4 out. 2021.

Referências

- ASSIS, Evandro de; CAMASÃO, Leonel; SILVA, Mariana Rosa; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. **Pauta Geral**, v. 4, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- BARROS, Janaina Visibeli; FILHO, Gilson Soares Raslan. Arranjos de jornalismo on line independente no interior de Minas Gerais. In: 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XIVIII., 2020, Virtual. **Anais...**, Virtual: Intercom, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0685-1.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018.
- CARVALHO, Guilherme; BRONOSKY, Marcelo. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral**, v. 4, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10007>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. Transparency, innovation, and journalism. In: LUENGO, María; HERRERA, Susana (Eds.). **News media innovation reconsidered: ethics and values in a creative reconstruction of journalism**. Hoboken: Wiley Blackwell, 2021.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.
- COSTA, Rafael; SILVA, Naiana; ARAÚJO, Mayara; LIMA, Raphaelle. **Arranjos alternativos de trabalho em jornalismo no Ceará: relações de comunicação e condições de trabalho**. Fortaleza: PRAXISJOR-UFC, 2020. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/54543/1/2020_rel_praxisjor.pdf. Acesso em: 30 mai. 2021.
- DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. **Beyond journalism**. Cambridge: Polity Press, 2020.
- CARVALHO, Eleonora de Magalhães. Jornalistas empreendedores: o segmento progressista brasileiro como nicho de mercado na web. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, v. 11, n. 32, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/37880>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 4 out. 2021.
- FIGARO, Roseli (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.
- GUERREIRO NETO, Guilherme. Institucionalização do jornalismo e movimentos em cenários de crise. **Leituras do jornalismo**, v. 2, n. 4, 2015. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/68>. Acesso em: 27 jun. 2021.

KIKUTI, Andressa; MICK, Jacques; PAUL, Dairan; LUZ, Suelyn; SOUSA, Jefferson; RAMOS, Alessandra Natasha. A serviço da comunidade, da causa ou do capital: os arranjos econômicos jornalísticos alternativos às grandes corporações de mídia em Santa Catarina.

Brazilian Journalism Research, v. 17, n. 2, 2021. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1382/0>. Acesso em: 29 set. 2021.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 2011.

LIMA, Anézia; PIRES, Paulo Vitor. Jornalismo alternativo na Amazônia amapaense: o empreendedorismo digital na pandemia da Covid-19. *In*: OLIVEIRA, Hebe Maria; GADINI, Sérgio (Orgs.). **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. Aveiro: Ria Editorial, 2020. Disponível em: https://adobeindd.com/view/publications/29aea747-ac50-4705-b874-2f5859d12632/emqw/publication-web-resources/pdf/Jornalismo_em_tempos_da_pandemia_novo_coronavirus.pdf. Acesso em: 30 mai. 2021.

LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. **Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MAURÍCIO, Patrícia; ALMEIDA, Raquel. Empreendimentos jornalísticos digitais e o interesse público no Brasil. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 142, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7713712>. Acesso em: 7 jun. 2021.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6057>. Acesso em: 4 out. 2021.

PACHI FILHO, Fernando Felício; SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de; MOLIANI, João Augusto. Os conceitos diferenciados de comunicação e jornalismo alternativo e o mapeamento da produção acadêmica brasileira recente. **Comunicação & Sociedade**, v. 41, n. 2, 2019.

PEIXOTO, Clarissa do Nascimento. **Hegemonia, jornalismo e conhecimento: possíveis leituras sobre práxis contra-hegemônica**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

PERUZZO, Cicilia. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Galáxia**, n. 17, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641243011.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SPANNEBERG, Ana Cristina; BARROS, Cindhi Vieira. Do impresso ao digital: a história do Jornal do Brasil. **Observatório**, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1693/8713>. Acesso em: 4 out. 2021.

ZACARIOTTI, Marluce; MOREIRA, Maria Tereza; PAZ, Diogo; COSTA, José Uendel. O trabalho dos jornalistas em arranjos econômicos independentes de corporações de mídia em Palmas/TO e Goiânia/GO: primeiras impressões. *In*: 19º ENCONTRO NACIONAL DE

PROFESSORES DE JORNALISMO, XIX., 2020, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: ABEJ, 2020.

Disponível em:

<http://soac.abejor.org.br/?conference=19enpj&schedConf=encontrodeprofessores&page=paper&op=viewFile&path%5B%5D=354&path%5B%5D=192>. Acesso em: 30 mai. 2021.

Recebido em 06 de outubro de 2021 | Aceito em 13 de outubro de 2021



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional